

«Muitas vezes»



A oração chega, assim, a ser o «respiro da vida». E como a vida é movimento, assim a oração acompanha o movimento da vida e do amor. Porque se vive e ama sempre, sempre se ora o amor da vida. Esta centralidade que a oração ocupa na vida, advém-lhe do primado do amor, razão única de viver. Teresa fala deste dinamismo orante, sempre bem à sua maneira de praticante fiel do exercício da oração mental, com a expressão: «estando muitas vezes tratando». Este «estar», este «estando tratando», próprio desta «andarilha» pelos caminhos da

topografia interior do castelo da alma, retrata bem o espírito teresiano da oração contínua. Este «muitas vezes» diz da necessidade evangélica de «orar sempre sem desfalecer» (Lc 18,1), pois, «nesta perseverança está todo o nosso bem».

A assiduidade à oração permite a repetição da comunicação do amor de amizade, certo como é que «parentesco e amizade perdem-se com a falta de comunicação» (CV 26,9). Se «o não tratar com uma pessoa causa estranheza», o tratar habitualmente com o Senhor, na oração, causa o conhecimento da «sublime ciência de Jesus Cristo» (Fil 3,8), que é, no dizer de Edith Stein, a «Ciência da Cruz».

Foi, pois, na «oração contínua», que Teresa, tanto na saúde como na doença, alimentou a sua amizade com o seu «Jesus de Teresa», o «verdadeiro amante», «o melhor amigo», com quem comunica diariamente.

A expressão «muitas vezes» - «falar com Ele muitas vezes» -, mais do que dizer da quantidade dos encontros de oração mental que o Senhor tanto aprecia, «constitucionalmente» limitados a 2 horas diárias, diz da fidelidade criativa e inventiva do amor, bem como do crescimento da amizade, não tanto no tempo cronológico do «relógio de areia», mas no «Kairológico» da oração, onde o orante se dignifica na sua vocação de união com Deus.